

23 FEV 1991

O GLOBO

Quando atingirá o Brasil o degrau superior das grandes potências?

L. G. NASCIMENTO SILVA

O Professor Mário Henrique Simonsen em artigo recente indica suspicazmente que “nossos economistas heterodoxos, em estreita colaboração com seus colegas argentinos, parecem ter inventado o princípio da contra-indução: uma experiência que deu errado várias vezes deve ser repetida até que dê certo. Afinal, em cinco anos, tivemos nada menos do que cinco choques: o Plano Cruzado, o Plano Bresser, o Plano Verão, o Plano Collor I e o Plano Collor II... Sabe-se que os quatro primeiros deram errado. Assim, a esperança de que o quinto dê certo vai por conta da crença na contra-indução”.

Parece-nos que o professor Simonsen tem razão, ante tantas tentativas de choques sucessivos sem êxito algum.

Agora mesmo vemos o Presidente Fernando Collor apelar para o apoio do Congresso Nacional, dizendo que este “de-

ve nos ajudar sem preconceitos paralisantes. Não é hora de enfrentamentos”, e afirma, mesmo, “que não é infalível. Os milagres em economia, como nós sabemos, não existem; a trilha da prosperidade só se percorre com coragem, disposição para o trabalho, vontade de vencer e o aprendizado que vem da experiência do cotidiano”.

Essas são palavras novas, que tanto diferem das proferidas pelo Presidente na primeira reunião ministerial realizada às 7 horas e 17 minutos do dia 16 de março, quando comunicou a volta do cruzeiro e determinou a aprovação de dezesseis outras medidas econômicas, todas da maior profundidade. Afirmou, mais, o Presidente que “não há um momento a perder... Ninguém do povo nos delegou a capacidade de escolher o momento para o início da busca de soluções. A sociedade quer ações concretas. E agora. Já.”

Agora, a fala do Presidente é bem diversa daquela que usou no momento em que assumiu a Presidência da República. Dirigindo-se ao Congresso Nacional, na abertura do Congresso, ele pediu a ajuda deste na análise do plano econômico, dizendo: “O Congresso deve nos ajudar sem preconceitos paralisantes. Não é hora de enfrentamentos.” E, valorizando a nova realidade do País, na sua fala ao Ministério, ele afirma: “O parlamento renovado tem de ser o pilar-mestre dessa nova realidade. O Presidente é o árbitro, jamais o protagonista isolado.” E adiante: “Governar, num regime democrático,

não é um ato solitário, mas sim a busca renovada do entendimento e do consenso.”

Apela o Presidente em sua fala, dizendo que o Governo não pode ficar de braços cruzados quando a inflação chega a 20%. Certamente que não. Mas, na verdade não será através de choques sucessivos que se vá recobrar a economia e as finanças do País.

Qual será o principal problema da economia brasileira? O gigantismo do Estado? O déficit público sempre crescente? A plethora dos funcionários públicos, que as minguadas ações governamentais não conseguem enxugar? Nada disso: apenas com medidas de apoio nas ações do Governo será possível fazer retornar a seriedade na economia do País.

Acredita ainda o Presidente que no seu Governo o Brasil atingirá a posição de particular no Primeiro Mundo. Vã ilusão. Estamos bem longe dessa utopia. Os países do Cone Norte, Estados Unidos, Canadá, e talvez o México, os países da Europa que se integram cada vez mais, os países do Sudeste Asiático, estes sim, são os principais protagonistas da cena mundial.

É difícil neste contexto ver o nosso Brasil avançar para o degrau superior das grandes potências. Teremos, por um longo prazo ainda, que participar do grupo do Cone Sul da América.

Esperemos que possamos subir de degrau se o País enfrentar melhor a realidade que nos cerca.

Vejamos, então, o que o futuro ainda nos reserva.